

# Pandemia, Narrativa da Dor e Confusão Informacional

---

*Pandemic, Narrative of Pain and Informational Confusion*

*Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>*

## RESUMO

O artigo aborda o processo de luto social decorrente da pandemia da COVID-19 e a perda ou o desenvolvimento da capacidade de narrativa dos estados afetivos das pessoas envolvidas nessa situação traumática, abordando ainda como a Internet apresenta ambivalências comunicacionais complexas que, infelizmente, permitem a potencialização do ódio e da desinformação.

**Palavras-Chave:** Narração; Comunicação; Luto; Pandemia; Empatia.

## ABSTRACT

The article discusses the process of social mourning resulting from the COVID-19 pandemic and the loss or development of the narrative capacity of the affective states of the people involved in this traumatic situation, also addressing how the Internet presents complex communicational ambivalences that, unfortunately, allow the potentiation of hatred and disinformation.

**Keywords:** Narration; Communication; Mourning; Pandemic; empathy

15

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

*“O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação.”* (Beatriz Sarlo)

## **Introdução**

O desastre da pandemia da COVID-19 impactou a humanidade de uma tal maneira que podemos afirmar que vivemos um colapso civilizatório. Aquilo que considerávamos como um bom modelo de sociedade foi dissolvido e cedeu espaço para a desestruturação das organizações humanas e seus inerentes laços interpessoais. Por vivermos na hegemonia do economicismo ultraliberal, a lógica do mercado se sobrepôs perante as demandas humanas. No plano prático, a moral ultraliberal faz do indivíduo um fim em si mesmo, uma figura narcísica, autocentrada, que não necessita se engajar em causas coletivas e se esforçar para promover o bem comum: “o individualismo de massa que caracteriza a sociedade contemporânea acompanha uma grande pobreza de relações interpessoais; o neo-individualismo de massa torna pobre e frágil a identificação individual e a identificação coletiva” (BARCELONA, 1995, p. 62).

Para esse tipo humano idiotizado, o outro só apresenta significação e relevância caso seja útil aos seus propósitos pragmáticos. Apesar de toda divulgação científica e

seus constantes alardes, uma grande massa humana axiologicamente desorientada insistiu em descumprir as determinações sanitárias fundamentais para a contenção viral da COVID-19, ampliando, assim, o sofrimento da grande coletividade social. Infelizmente, muitas das pessoas que celebraram irresponsavelmente a vida em festas e aglomerações estapafúrdias foram contaminadas pelo coronavírus ou, tanto pior, contaminaram terceiros, o que aumenta ainda mais o peso moral dessas ações injustificadas. Contudo, para o sujeito imerso no lodo ultraliberal, o sofrimento de outrem ou a morte alheia são eventos que lhes são estranhos. Importante é gozar a vida material sem qualquer tipo de responsabilidade moral ou ambiental.

O sofrimento humano não pode ser quantificado ou mensurado, é uma experiência singular, mas que não é inefável, ainda que as palavras sejam semanticamente insuficientes para que narremos a grande dor que nos cerca. Em um momento de colapso global, lidar com esse tema doloroso não é um exercício masoquista, mas uma tentativa terapêutica de representar o grande luto social no qual nos encontramos.

## **A precarização da vida na virulência pandêmica**

As condições existenciais de uma vida sob os riscos pandêmicos se tornam precárias, depressivas, estressantes, angustiantes, dentre muitos outros adjetivos que evocam

ideias péssimas. Nenhuma pessoa com senso de humanidade é capaz de suportar as agruras de um momento histórico tão tenebroso de maneira alegre, o que não nos impede obviamente de, no meio desse caos sanitário, tentarmos desenvolver um modo de vida que torne o cotidiano mais suportável. Não se trata, assim, de uma panaceia, mas de um razoável processo de autoconhecimento no qual analisamos nosso âmago e tentamos assim construir um sentido para nossa própria existência. Porém, nem sempre conseguimos tonificar a vida prosaica com os signos mais intensos, pois somos constantemente imersos no turbilhão do mal-estar pandêmico e seus efeitos em nosso frágil mundo.

Quando lidamos com a morte de um ente querido ou mesmo sofremos no corpo os efeitos do coronavírus, ficamos na situação limite. Por isso, o tempo de cada pessoa, mais do que nunca, deve ser respeitado de maneira incondicional, pois um conjunto de valores e de afetos se conjugam amargamente no ânimo daquele que passa por uma experiência tão dolorida. Estamos sob a égide da sociedade do desempenho, e todos os discursos que evoquem a noção de luto, tristeza, improdutividade ou impotência são vilipendiados pela euforia autoritária do servo-mercado, que requer pessoas que sejam eficientes e consumidoras de serviços e de bens. Segundo Vincent de Gaulejac,

gerenciar o humano como um recurso, ao mesmo título que as matérias-primas, o capital, os instrumentos de produção ou ainda

as tecnologias, é colocar o desenvolvimento da empresa como uma finalidade em si, independentemente do desenvolvimento da sociedade, e considerar que a instrumentalização dos homens é um dado natural do sistema de produção. (GAULEJAC, 2007, p. 80)

Mesmo no epicentro de uma pandemia, somos obrigados a ser felizes e nos tornarmos mais flexíveis, eis o discurso gerencial que desdenha dos mortos e dos sofredores. Por isso, cabe analisarmos com cautela a medicalização da existência que vigora na sociedade do desempenho, pois a gama de serviços terapêuticos e remédios disponíveis para aliviar os transtornos de depressão, ansiedade e outras moléstias não visam apenas curar os seus efeitos deletérios na vida do paciente, mas também torná-lo novamente apto para o ritmo de produtividade exigido pelo culto capitalista da performance. As corporações são inflexíveis, mas a pessoa deve ser sempre maleável e fazer tábula rasa de toda agrura existencial: “a coerção não pesa mais sobre os corpos, mas sobre as mentes, já não há mais vigilância, mas um autocontrole permanente, uma disponibilidade sem descanso” (LE BRETON, 2018, p. 63).

Ressalto que não se trata de uma apologia indiscriminada do luto, mas sim um contraponto ético ao palavreado ultraliberal que não reconhece a fraqueza da pessoa que sofre. Em um mundo sem transcendência, viver o tempo do luto é talvez um grande ato de resistência

política perante os imperativos alienantes da positividade capitalista, que somente reconhece lucro, empenho, disponibilidade, adaptação. Sabemos, obviamente, dos impactos corrosivos do luto na vida humana, mas um projeto de afirmação da singularidade humana em sua máxima radicalidade exige que cada pessoa tenha direito ao seu quinhão de dor, caso considere pertinente vivenciá-lo em toda a sua tragicidade. Apenas é necessário que fiquemos alertas quando o luto se torna uma permanente experiência multitudinária que solapa a energia vital de uma sociedade. Afinal, apesar da legitimidade axiológica do luto, existem forças políticas reacionárias que prosperam através da confusão social, de sua apatia, de seu sofrimento psíquico. A dignidade da vida não está em glorificar a dor, mas em fazer dessas situações opressivas uma luta constante pela afirmação da grandeza da condição humana e de seus feitos mais elevados. Por isso, encontramos, mesmo nos momentos de anomia social, exemplos edificantes que estimulam a subsistência da vida humana nas condições empíricas mais adversas. A vulnerabilidade social se intensificou ao longo da infestação pandêmica, e, quando o poder governamental não realiza adequadamente as suas funções, a sociedade civil e suas organizações são forças democráticas que minoram os sofrimentos infligidos pela COVID-19.

### **A narrativa da dor**

Narrar qualquer situação traumática é sempre um exercício

árduo e regido pelo signo da singularidade. Por mais que nos esforcemos para nos colocarmos no lugar do outro, por mais que vivenciemos a experiência da empatia ou da compaixão em sua máxima intensidade, há um resquício de sofrimento que somente quem vivenciou pode externalizar efetivamente. Conforme Beatriz Sarlo:

Que relato da experiência tem condição de esquivar a contradição entre a firmeza do discurso e a mobilidade do vivido? A narração da experiência guarda algo da intensidade do vivido, da *erlebnis*? Ou simplesmente, as inúmeras vezes em que foi posta em discurso, ela gastou toda possibilidade de significado? A experiência se dissolve ou se conserva no relato? (SARLO, 2007, p. 23)

No entanto, apesar de toda dificuldade semântica desse exercício, o esforço para se narrar a dor de outrem é, em um momento de caos social, uma das maiores provas de amor ao gênero humano. Da mesma maneira, estar disponível para escutar o lamento do outro, sua dor muitas vezes inescrutável, é também um exemplo de engajamento moral pela vida alheia. O suporte profissional é muito mais eficiente do ponto de vista terapêutico para o processo de superação do sofrimento da pessoa agrilhoadada pela dor de uma perda, mas dedicar um pouco do tempo de si em favor do bem-estar de outrem não é apenas um gesto de generosidade e empatia, mas também uma contribuição para o

fortalecimento do tecido político. Para Walter Benjamin,

o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes [...]. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1994, p. 201, p. 221)

A difícil experiência do isolamento social comprova que não somos ilhas, mas pessoas que estabelecem complexas relações de interdependência, e toda forma de comunicação regida pelo anseio de se promover um pouco de conforto existencial para alguém que sofre é uma barreira contra a desagregação humana:

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente em nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais [...]. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia seguro e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p. 197-198)

Vivemos em um mundo dito “globalizado”, mas temos grande dificuldade em estabelecer pontes entre as pessoas, os povos. Valorizamos o outro apenas como uma figura exótica, consumível, mas somos usualmente incapazes de compreendê-lo em sua imanência. A integração humana é ainda bastante precária e os preconceitos étnico-culturais se perpetuam apesar de todos os avanços científicos e intelectuais do processo de modernização mundial. Conforme Achille Mbembe,

Decididamente, a época privilegia a separação, os movimentos de ódio, de hostilidade e, sobretudo, a luta contra o inimigo, e tudo isto é consequência daquilo que, num vasto processo de inversão, as democracias liberais, já amplamente branqueadas pelas forças do capital, da tecnologia e do militarismo, aspiraram. (MBEMBE, 2017, p. 72)

Nas sociedades arcaicas marcadas pela oralidade, a narrativa era dotada de um teor sagrado. Poetas e profetas possuíam uma aura especial que revestia os seus discursos com tons divinos e a grande massa acolhia essas palavras como se fossem a pura verdade. A palavra não era uma mera enunciação, mas uma expressão do poder sobrenatural, daí a importância dos juramentos, das sagrações e dos ritos. Já na nossa sociedade tecnológica-informacional, em que uma maior quantidade de pessoas pode proferir discursos e ampliar seu alcance graças aos dispositivos eletrônicos, a experiência da verdade e da autenticidade perde talvez a sua

intensidade. Diz-se usualmente que as redes sociais estão infestadas por hordas regidas pelo ódio, pela desinformação e pelo obscurantismo, o que é um aspecto significativo da apropriação do ciberespaço por esses segmentos sociais tão avessos aos ideais democráticos e republicanos, algo bastante distante do genuíno sonho de Pierre Lévy: “o uso socialmente mais rico da informática comunicacional consiste, sem dúvida, em fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real” (LÉVY, 2003, p. 62).

A Internet, grande utopia comunicacional de uma possível integração global, tornou-se o palco para o horror, a miséria intelectual e a barbárie ideológica. Essa inclinação negativa da Internet de modo algum retira a sua dignidade constituinte e sua legitimidade técnica, mas exige que tenhamos precaução acerca das suas potencialidades. Segundo Manuel Castells:

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar as tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa sociedade (CASTELLS, 2002, p.11)

O que conhecemos da Internet está apenas na sua superfície, há um mundo oculto que somente grupos

especializados orientados por ideais obscuros acessam. Por isso, em uma situação global de grande fragilidade psíquica, dedicar horas e horas por dia na navegação pelas redes sociais pode ser uma experiência desalentadora que prejudica ainda mais a nossa já degradada saúde mental. Assim como a comunicação virtual não apresenta a intensidade genuína da comunicação concreta, assim também as informações que circulam nas redes usualmente estão impregnadas de mentiras absurdas que confundem as pessoas que buscam alguma forma de orientação em suas navegações. Derrick de Kerckhove comenta que

na iminência da realidade virtual podemos achar cada vez mais difícil distinguir entre as nossas identidades naturais e as extensões eletrônicas. O problema advém da natureza elétrica de ambos os ambientes em que nos movemos: o biológico e o tecnológico [...]. O mundo online é uma extensão do mundo físico, não uma contradição. Mas, como em todas as coisas, há um efeito agressivo acelerador e multiplicador de algum meio e, no caso da Internet, as possibilidades de escolher direções ruins são multiplicadas. (KERCKHOVE, 2009, p.194-195; p. 249)

Na pandemia da COVID-19, a proliferação de mensagens falsas alcançou níveis inimagináveis, e podemos elencar alguns afetos motivadores para essas práticas antissociais e anti-humanitárias: culto ao medo, ódio ao ser humano, atração pela morte. Teorias conspiratórias que

alardeiam a ideia de que há uma grande orquestração comunista para estabelecer uma nova ordem mundial, defesa de remédios ineficazes para o tratamento da COVID-19, incentivo oficial ao descumprimento de medidas sanitárias basilares, apologia de uma falsa noção de liberdade civil descompromissada com o bem comum são alguns dos lamentáveis exemplos que as redes necrófilas promotoras da erosão social exerceram com suas influências informacionais sobre seus seguidores. E assim o marasmo da devastação social apenas se fortaleceu, para maior satisfação daqueles que anseiam pelo autoritarismo, pelo fechamento do regime democrático, pela imposição da força bruta como método de governança social.

A pandemia da COVID-19, dentre todas as pessoas que apresentam horror diante de tamanha devastação social, gerou diversos efeitos na comunicabilidade humana: muitos extravasam sua indignação diante de tantos descabimentos políticos nas redes sociais, outros, por sua vez, vivenciam uma espécie de mutismo, que também é uma experiência discursiva, já que o silêncio faz parte da dimensão comunicacional. Para Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração; a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou do seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração

inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a da sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 24-25)

Não há beleza no desastre social, e optar por não se pronunciar é talvez também um ato político e de preservação psíquica. As redes sociais fomentam uma espécie de obrigatoriedade de se pronunciar para manter a aderência dos seguidores, o que é um tanto perigoso, pois nem toda enunciação midiática promove efetiva relação comunicacional entre as pessoas, sem esquecermos o fato de que os discursos proferidos nas redes sociais exigem paciência para possíveis debates suscitados subsequentemente, o que gera um evidente gasto de energia mental e investimento de tempo para participar dessas “tretas”. Talvez a leitura de um livro, assistir um filme ou escrever um texto sejam experiências culturais mais salutares, mas cabe a cada pessoa decidir o que é mais razoável para si, uma sabedoria prática de vida em tempos de isolamento social. Menos lacração e mais reflexão. De todo modo, a opção é sempre singular.

### **Considerações Finais**

O luto social é uma marca de uma geração que passa pela devastação pandêmica. Povos do passado viviam sob o risco constante das guerras no

grande xadrez bélico-político, situação que, infelizmente, ainda se manifesta em diversos pontos de nosso mundo, ampliando ainda mais o nível de degradação da humanidade, sob risco de sofrer um tipo de vida futura extremamente precário nas mais diversas dimensões. Com efeito, os males da COVID-19 acentuaram ainda mais as disparidades nacionais e o hiato econômico entre a elite rica e a massa anônima de pobres. Má distribuição de renda, falta de acesso aos serviços básicos de saúde, sem esquecermos a grande crise ambiental que talvez torne nosso planeta um deserto de zumbis no

porvir. Grandes catástrofes, não obstante todo sofrimento que inevitavelmente ocasionam nas pessoas, talvez possam servir de estímulo ético para uma transformação radical do modo de vida, desde a esfera íntima até os aspectos macroestruturais da economia e da política. Nessas condições, é imprescindível capacidade semiótica de interpretação dos sinais que antecedem todas as grandes situações de colapso civilizacional. Eis assim um realismo prático que se coloca para além de toda utopia seráfica do futuro como também todo pessimismo sombrio para o porvir.



## Referências

BARCELLONA, Pietro. **O egoísmo maduro e a insensatez do capital**. Trad. de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone Editora, 1995.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-220.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: Annablume, 2009.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Trad. de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. de Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

*O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.*

**Recebido em 27/04/2021**

**Aprovado em 12/06/2021**